

IR: Citi deduz US\$ 1 bilhão

por Tom Camargo
de Londres

(Continuação da 1ª página)

para as provisões ditas "específicas", isto é, que definem com clareza a perda em relação à qual o banco se está precavendo.

Mas há alívio apenas marginal quando as provisões são ditas "gerais". Isto é, quando, como no caso do Citi, são feitas em vista de um cuidado generalizado de negócios, um grande cliente em particular ou a um país ou grupo de países.

Se fizessem um aumento de suas provisões de ordem semelhante à feita pelo Citi os quatro grandes, que em conjunto têm cerca de US\$ 9,1 bilhões emprestados ao País, teriam uma compensação de talvez um quarto, quando muito, da que foi dada ao Citi", como disse um especialista do Natwest.

Os ingleses são, de longe, os mais vulneráveis à crise da dívida latino-americana, depois dos norte-americanos.

Estes têm, segundo o Federal Reserve (banco central norte-americano), cerca de US\$ 76 bilhões emprestados a dez países da região — Argentina,

Bolívia, Brasil, Chile, Colômbia, Equador, México, Peru, Uruguai e Venezuela.

Só no Brasil os norte-americanos têm US\$ 23,6 bilhões emprestados.

Os britânicos têm cerca de US\$ 29 bilhões, distribuídos entre os dez países (US\$ 9,1 bilhões no Brasil). Os japoneses têm cerca de US\$ 29,7 bilhões, mas por razões cambiais (valorização acentuada do iene diante do dólar, no último ano, reduzindo, na prática, a exposição japonesa), além da constituição de uma "central da dívida" — a qual, na prática, tirou os títulos de mais de vinte países dos portfólios dos bancos —, estão definitivamente mais seguros.

Na Europa, os US\$ 29 bilhões de créditos dos britânicos são bem maiores do que os US\$ 18 bilhões dos alemães, os US\$ 20,6 bilhões dos franceses, os US\$ 6,4 bilhões dos suíços e os US\$ 3,3 bilhões dos italianos. O Canadá, outro grande credor dos latino-americanos, tem um comprometimento de US\$ 16,6 bilhões.

"Imaginamos que agora as autoridades fiscais ficarão mais cooperativas na

questão de como tratar o que for destinado a novas provisões para devedores duvidosos", disse Philip Wilkinson, um dos principais executivos do Natwest.

Apesar de o Banco da Inglaterra (banco central inglês) ter deixado claro, ainda na quarta-feira, quando o mercado avaliava as repercussões da decisão do Citi, que deseja uma aceleração na composição das reservas para devedores duvidosos, com especial atenção para a questão da dívida soberana (de países), seria necessário que o Midland e o Lloyds, detentores de cerca de 75 a 80% da dívida dos dez países latino-americanos mencionados, fizessem uma "razzia" em seus lucros de 1987 para atender à recomendação.

Enquanto o National Westminster e o Barclays têm cada um, por exemplo, menos de 700 milhões de libras (cerca de US\$ 1,1 bilhão pelo câmbio de ontem) emprestados ao Brasil, representando menos de 1% de seus ativos, tanto o Midland quanto o Lloyds têm bloqueados no País mais de 2,5% de seus ativos.

O Midland, no final de 1986, tinha um total de US\$ 5,6 bilhões aplicados entre o Brasil (US\$ 2,3 bilhões, mais ou menos), México e Argentina.

Suas provisões para devedores duvidosos como um todo eram de 3,1% de seus empréstimos totais no final do ano passado, enquanto o Citi passou a ter 3,7% depois do aumento.

Para países as reservas do Midland vinham crescendo pouco, mas firmemente, a cada ano, desde a eclosão da crise, em 1982. No ano passado, o Midland pôs à parte cerca de US\$ 267 milhões numa rubrica especial, de forma a cobrir

buracos deixados pelos reescalamentos de alguns países, entre eles o Brasil.

No período em que deveria estar melhorando suas reservas, de 1983 em diante o Midland teve também de absorver substanciais perdas relacionadas com sua aquisição do Crocker National Bank, da Califórnia, com o qual pretendia assumir um papel de preeminência no sistema bancário norte-americano.

Um cálculo que corre pela City indica que o Midland teria de dispor de algo entre US\$ 600 milhões e US\$ 1 bilhão, se fosse obrigado a seguir os passos do Citicorp. Isso poderia significar um corte de cerca de um terço em seus possíveis lucros, estimados para algo em torno de 600 milhões de libras.

O Lloyds Bank, que tem cerca de US\$ 4,5 bilhões entre Brasil (US\$ 1,9 bilhão), México e Argentina, e cujas provisões totais são de cerca de US\$ 1,28 bilhão (ou 2,3% de seus empréstimos totais), teria de cortar seu lucro estimado pela metade para acompanhar o Citi.

Ontem, na bolsa londrina, as ações do Midland apresentaram queda pelo segundo dia consecutivo, totalizando uma perda de cerca de 4,5% nos últimos dois pregões. O Lloyds ficou em posição semelhante, enquanto o Barclays e o Natwest também perdiam valor, mas em menor proporção.

O Midland, acreditam setores da City, terá de se lançar ao mercado para melhorar sua base de capital primário. Entende-se que uma de suas opções seria fazer uma oferta de novas ações, com grande desconto sobre o valor das já existentes, de forma a levantar algo como US\$ 850 milhões.